

ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA
CAROLINA COELHO FORTES
FABRÍCIA ANGÉLICA TEIXEIRA DE CARVALHO
MARIA CRISTINA CORREIA LEANDRO PEREIRA
SHIRLEI CRISTIANE ARAÚJO FREITAS

**Vida de Santa Maria
Madalena - Texto Anônimo
do Século XIV**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS

RIO DE JANEIRO, AGOSTO - 2002

Direção da Coleção: Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, Leila Rodrigues da Silva, Maria Cristina Correia Leandro Pereira

Diagramação, Produção do Miolo e Capa: Márcia Cristina da Rocha Martins

Impressão e Acabamento: Fábrica de Livros - SENAI

ANÔNIMO. Vida de Santa Maria Madalena. Texto Anônimo do século XIV

56 p. - Rio de Janeiro, março de 2002.

Coleção Idade Média em Textos 1

Programa de Estudos Medievais ISBN 85-88597-02-0

Idade Média

Hagiografia

História

Literatura

Maria Madalena

PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS

Largo de São Francisco, 1, sala 325-B

Centro – Rio de Janeiro – RJ

CEP 20051-070 E-mail: pem@ifcs.ufrj.br

www.pem.ifcs.ufrj.br

EDIÇÕES:

Márcia Cristina Martins

mmartins@unikey.com.br

(0xx21) 2595-1472 e 9157-9559

Vida de Santa Maria Madalena

Texto Anônimo do Século XIV

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS POR

ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA

CAROLINA COELHO FORTES

FABRÍCIA ANGÉLICA TEIXEIRA DE CARVALHO

MARIA CRISTINA CORREIA LEANDRO PEREIRA

SHIRLEI CRISTIANE ARAÚJO FREITAS

PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Sumário

Apresentação	7
Introdução à Vida de Santa Maria Madalena	9
1. Maria Madalena no Novo Testamento	9
2. Maria Madalena nos evangelhos gnósticos	11
3. Maria Madalena, uma construção medieval	15
4. O culto a Maria Madalena na Idade Média	19
5. Características da Vida Castelhana de Santa Maria Madalena	24
6. A Vida Castelhana de Santa Maria Madalena face à Legenda Áurea	26
Bibliografia	35
Notas sobre a edição e a tradução	36
Vida de Santa Maria Madalena	37
Notas	51
Responsáveis pelo número	53

Apresentação

O Programa de Estudos Medievais da UFRJ lança, com este volume, a **COLEÇÃO IDADE MÉDIA EM TEXTOS**, proposta voltada para a publicação de documentos medievais em edições bilingües e de trabalhos analíticos sobre diversos aspectos da cultura medieval.

Com tal iniciativa objetivamos, sobretudo, contribuir para o incremento dos estudos medievais no Brasil, atingindo não apenas especialistas, mas também alunos de Graduação e Pós-Graduação e interessados em geral no período.

Com o volume ora apresentado, colocamos ao alcance do público brasileiro o texto castelhano em prosa da *Vida de Santa Maria Madalena* do século XIV e sua tradução, ainda não editados no país.

Ao leitor, desejamos que o presente trabalho proporcione um agradável encontro com o Medievo.

Andréia Cristina L. Frazão da Silva
Leila Rodrigues da Silva
Maria Cristina Correia L. Pereira

INTRODUÇÃO À VIDA CASTELHANA DE SANTA MARIA MADALENA

1. MARIA MADALENA NO NOVO TESTAMENTO

Maria de Magdala, ou Maria Madalena, é a figura feminina mais citada no Novo Testamento - ainda mais que a Virgem. Além disso, é personagem importante na cena da ressurreição de Cristo.

No Evangelho segundo Mateus ela é mencionada diretamente duas vezes. Em Mt. 27,56, na cena da crucificação, é a primeira a ser nomeada entre as mulheres que acompanhavam Jesus desde a Galiléia, e em Mt. 28,1, no relato da ressurreição, ocasião em que Jesus aparece às mulheres e ordena que dêem a notícia aos apóstolos e que estes sigam até a Galiléia, é novamente lembrada em primeiro lugar: “Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro”.

Marcos se refere a ela quatro vezes. Na cena da crucificação, em Mc. 15,40-41, ela é mais uma vez identificada como parte do grupo de mulheres que seguiam a Jesus desde a Galiléia e é citada, também, em primeiro lugar: “Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé”. Um pouco mais à frente, em Mc. 15,47, ela é apontada como testemunha do sepul-

tamento: “Ora, Maria Madalena, e Maria, mãe de José, observaram onde ele foi posto.” O relato da ressurreição segundo o Evangelho de Marcos é o que dá mais importância a Madalena. Ela é destacada duas vezes: em Mc. 16,1, ela aparece indo comprar aromas com outras mulheres para embalsamar Jesus; e em Mc. 16,9 afirma-se: “Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios.”

O Evangelho segundo Lucas faz alusões diretas e indiretas a Maria Madalena. Em Lc. 8,2-3 ela é mencionada como uma das mulheres que seguiam a Jesus; dela “saíram sete demônios”; e, junto a outras mulheres, prestava assistência a Cristo com os seus bens. Em Lc. 23, nos relatos da morte e sepultamento de Jesus, ela figura como uma das discípulas que o acompanhavam desde a Galiléia, primeiro assistindo a crucificação e, depois, preparando aromas e bálsamos para ungir o corpo do mestre. Por fim, em Lc. 24,10, Madalena é a primeira a ser enumerada entre as mulheres que vão levar as boas novas da ressurreição: “Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos”.

É só no Evangelho segundo João que Madalena não é nomeada em primeiro lugar dentre aquelas que assistem a crucificação de Jesus: “E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, Maria, mulher de Cleopas, e Maria Madalena” (Jo. 19,25). Na segunda vez em que é citada, em Jo. 20,1, Madalena vai ao sepulcro de madrugada e encontra a pedra que o fechava revolvida, indo avisar o acontecido a dois discípulos. Ou seja, ela é a protagonista do relato presente em Jo. 20,11-18, quando, sozinha, chorando ao pé do túmulo, primeiro vê dois anjos e depois o próprio Jesus, que conversa com ela.

São estas as informações sobre Maria Madalena contidas no Novo Testamento. A partir desses dados bíblicos, podemos re-

construir alguns aspectos de sua biografia: Maria Madalena era uma mulher de posses que vivia na cidade de Magdala; após uma experiência religiosa, tornou-se discípula de Jesus, acompanhando-o em suas viagens, junto a outros discípulos, homens e mulheres, e inclusive financiando-o. Pela forma como é nomeada, é possível inferir que possuía uma situação familiar incomum em seu tempo. Diferentemente de outras mulheres das Escrituras, ela é identificada por seu lugar de origem ao invés da referência a um homem, forma de designação mais usada para as mulheres neste momento. Sendo Maria relacionada somente à sua cidade, Magdala, aliás, de onde deriva o nome Madalena, é provável que ela fosse uma mulher solteira e independente.

Ainda que sejam escassas as informações sobre Madalena, se comparadas às de outros personagens bíblicos, não é isento de significado o fato de que ela é tratada mais vezes do que qualquer outra mulher no Novo Testamento e, na maioria delas, em primeiro lugar. Assim, sua figura despertou interesse e levou a exegese e a tradição posterior a adicionar muitos outros elementos a esta personagem, tornando-a mais complexa, como veremos adiante.

2. MARIA MADALENA NOS EVANGELHOS GNÓSTICOS¹

O gnosticismo foi uma doutrina que inspirou a formação de um conjunto de seitas cristãs - condenadas pela Igreja como heterodoxas - sobretudo nos três primeiros séculos de nossa era. Embora as diversas seitas gnósticas possuíssem divergências, tinham em comum o dualismo, que identificava o mal com a matéria, e consideravam o bem como uma essência espiritual acessível apenas aos que detinham a *gnose*,² do que decorria a crença na salvação do homem justamente a partir da rejeição da carne.

Os gnósticos fixaram suas tradições sobre Cristo e os apóstolos em vários evangelhos apócrifos redigidos, em sua maioria, entre os séculos II e IV. Madalena figura nesses textos com frequência, pois era vista como a encarnação da sabedoria celeste e como companheira de Jesus. Em todos estes escritos, ela é tida como o modelo de gnóstico perfeito, na medida em que se eleva ao ápice da visão e do amor espiritual.

Assim, no *Evangelho de Felipe*, Madalena é apresentada como companheira de Cristo:

A companheira de Cristo é Maria Madalena. O Senhor amava Maria mais do que a todos os discípulos, e a beijou com frequência na boca. Os outros, vendo o seu amor por Maria, lhe disseram: 'Por que amas a ela mais do que a nós todos?' O Salvador respondeu-lhes: 'Como não vos amo tanto como amo a ela?'

Estes beijos que Jesus dá em Madalena, que causam estranheza ao leitor não familiarizado com a simbologia gnóstica, representam, segundo Santos Otero, a aliança espiritual, a união mística entre a *Sofia Celeste*, encarnada por Madalena, e o *Logos Eterno*, Cristo,⁴ na qual a dualidade sexual era superada, vista como sinal de imperfeição para boa parte dos crentes gnósticos.⁵

Madalena aparece também no *Evangelho de Tomé* como a consorte do Senhor e sua interlocutora mais importante, ainda que suscitando a hostilidade de Simão Pedro:

Simão Pedro lhes disse: Maria, se afaste de nós, pois as mulheres não merecem a vida! Jesus respondeu: Eis, eu a guiarei de tal forma a torná-la homem. Assim também ela se tornará um espírito vivo semelhante a vocês homens. Porque toda mulher que se torna homem entrará no reino dos céus.⁶

Aqui, embora as palavras de Jesus sejam em defesa de Madalena, elas apontam para a idéia de que o gênero feminino é

falho, principalmente porque é procriador e, portanto, entreve para o caminho da salvação no entender de algumas seitas gnósticas. Assim, Madalena ganha destaque não por ser mulher, mas por personificar a Sabedoria, o que a permite, dentro da lógica do texto, inclusive transcender seu gênero.

Na *Pistis Sophia*, um tratado gnóstico escrito no século III sob a forma de um diálogo com os onze apóstolos e quatro mulheres – Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, Marta e Salomé – a maior parte das perguntas é feita por Madalena. Além de intervir repetidas vezes para interrogar Jesus, também responde às suas indagações. E ele a louva entusiasticamente por sua profundidade espiritual:

“Bem aventurada és tu, Maria, que eu aperfeiçoarei em todos os mistérios do alto (...), tu, cujo coração está voltado para o reino dos céus mais que todos os teus irmãos!”.⁷

Nesta obra, portanto, Jesus considera Madalena como uma pessoa que compreende seus ensinamentos facilmente, enquanto que aos outros pede que se esforcem para tanto:

“Muito bem, Maria, a tua pergunta é excelente, e lanças luz sobre qualquer ponto (...). Por isso não vos deixarei mais nada escondido daqui em diante, mas revelar-te-ei tudo com certeza e clareza. Por isso, escuta, Maria, e vós todos discípulos procurai entender ...”⁸

Ou seja, na *Pistis Sophia* Madalena é a discípula por excelência: ela tem o direito de falar e contempla o mistério antes de pregar.

Outro documento gnóstico de grande importância é o *Evangelho de Maria*, escrito ainda no século II e transmitido bastante fragmentado. Nesse texto Jesus, depois da Ressurreição, responde

a diversas perguntas de seus discípulos e os deixa em grande perturbação. Madalena, no entanto, consola-os, restabelecendo neles a tranqüilidade. Pedro, então, pede a Madalena que revele os ensinamentos que Jesus só dera a ela, e esta assim o faz. Mas quando termina sua preleção, André duvida de suas revelações e Pedro questiona o próprio fato de Jesus ter escolhido uma mulher como interlocutora privilegiada, revelando a ela coisas que deixara escondido deles. Neste ponto da narrativa,

“Maria explodiu em choro e se dirigiu a Pedro assim: ‘Pedro, meu irmão, o que estás pensando? Crês talvez que eu mesma tenha inventado essas coisas em meu coração, ou que iria mentir a respeito do Salvador?’⁹

Na visão dos gnósticos Pedro representava o momento de afastamento da verdade de Cristo pelo qual passava a “ortodoxia”¹⁰ e Madalena, o gnosticismo, que continuava a sentir o Senhor, por mais tempo que tenha se passado de sua Ascensão. É à luz desse quadro que a reação violenta e misógina de Pedro deve ser compreendida.

Os evangelhos gnósticos, tomando por base as próprias lacunas presentes nos textos canônicos, a preeminência que Madalena ocupa no Novo Testamento e os relatos orais, fundaram toda uma linha de tradições a respeito de Madalena, na qual ela é apresentada como uma mulher sábia, companheira próxima de Cristo e boa oradora. Tais obras, embora confeccionados por grupos considerados heréticos, foram transmitidos por gerações e influenciaram, direta ou indiretamente, a visão medieval sobre esta personagem.

3. MARIA MADALENA, UMA CONSTRUÇÃO MEDIEVAL

A Santa Maria Madalena, como o Ocidente a venera, não figura nas Escrituras. De fato, ela é fruto de uma lenta construção, que uniu elementos e personagens distintos. Em um primeiro momento, fundiram-se em uma só três mulheres que são apresentadas nos Evangelhos canônicos: Maria de Magdala, de quem Cristo expulsou sete demônios, que o seguiu até o Calvário e que testemunhou a ressurreição;¹¹ Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro; e a pecadora anônima que lavou os pés de Jesus na casa do fariseu Simão.

Uma das passagens neotestamentárias que mais influenciou a formação desta tradição a respeito de Maria Madalena é Lc 7,36-50, que narra o almoço de Jesus na casa de Simão, o fariseu. Durante o almoço, segundo informa o evangelista, entrou uma mulher, identificada como “pecadora na cidade”,¹² que se ajoelhou ante Cristo chorando. Ela, então, começou a beijar e banhar-lhes os pés com perfume e lágrimas e a enxugá-los com seus cabelos. O fariseu, ao ver que Jesus não se opunha a tal contato com uma pecadora, desconfia dele, perguntando-se se ele era realmente um profeta. Então Jesus narra a parábola dos dois devedores, mostrando que aquele que tem pouco para ser perdoado, ama pouco ao seu credor. Como daquela mulher muitos pecados foram perdoados, ela amava muito a seu mestre.¹³

Em Mt. 26,6-13 e em Mc. 14,3-9 a unção da cabeça de Jesus com perfume se repete, contudo num contexto bem diferente. A mulher anônima não é mais identificada como pecadora e a refeição se dá agora na casa de Simão, o leproso, e não mais na de Simão, o fariseu. Já em Jo. 12,1-8, a passagem sobre a unção toma outra forma: a mulher que “ungiu os pés de Jesus e os enxu-

gou com os seus cabelos” é identificada com Maria de Betânia,¹⁴ irmã de Marta e Lázaro.

Assim, partindo-se da união dos vários elementos presentes nos evangelhos canônicos e apócrifos constitui-se uma Madalena venerada na Idade Média, a pecadora arrependida, fruto da junção de características provenientes de três personagens: Maria de Magdala, Maria de Betânia e a pecadora da cidade de Lc. 7.¹⁵ A confluência destas três figuras esteve relacionada, provavelmente, à tendência, própria das sociedades patriarcais, de associar a mulher com os pecados da carne, principalmente porque elas estavam cercadas de símbolos da feminilidade: o perfume, o choro, os beijos e os cabelos.

Referências na literatura cristã a respeito dessa união de personagens logo começaram a surgir. Orígenes, em seu *Contra Celsum*,¹⁶ no qual trata de Maria Madalena, não reconheceu a unificação das três figuras bíblicas em uma única figura, mas a cita, mostrando que desde então – século III – a confusão entre as três mulheres começava a se formar. Ambrósio é outro dos Padres da Igreja a discorrer sobre o tema. Ele tenta solucionar a discordância entre os evangelhos, sugerindo que as “Madalenas” talvez possam ter sido duas.¹⁷

Gregório Magno, bispo de Roma do século VI, é quem reúne definitivamente Maria de Magdala, a pecadora anônima de Lc 7 e a irmã de Lázaro em uma só personagem. Embora essa idéia lhe fosse anterior, é ele quem a consolida para a posteridade. Em sua Homília XXXIII ele diz que: “a mulher designada por Lucas a pecadora, chamada Maria por João, é a mesma que Marcos afirma ter sido libertada dos sete demônios.”¹⁸ Neste momento, o amor de Maria Madalena por Jesus torna-se um dos temas centrais da vida dessa santa, sendo considerado maior ainda do que o de Pedro, idéia claramente influenciada pelos textos neotestamentários apócrifos, e os sete demônios que foram expulsos de seu corpo

passam a ser identificados aos sete pecados capitais. Madalena, a grande pecadora, começa a ganhar vida.¹⁹

Pedro Crisólogo, arcebispo de Ravena, no início do século VIII, demonstrou muito interesse por Madalena. Ele a via como símbolo da Igreja, santa e pecadora, visão que será adotada por outros autores medievais. Ele considerou significativo que Maria Madalena tenha recebido o mesmo nome que a mãe de Jesus. Entretanto, a identificou como uma nova Eva, que oscilou entre o pecado e a redenção.²⁰

Segundo Iogna-Prat,²¹ é atribuído a Odon, abade de Cluny no início do século X, o primeiro sermão sobre Madalena, a ser lido em 22 de julho, dia da celebração da santa. Trata-se de um comentário do texto evangélico que pretende extrair uma lição moral. Ele vê Madalena como uma mulher, o que é indicado pela constante repetição no texto da palavra *mulier*; e, mais especificamente ainda, uma dama, que conseguiu se distanciar do mundano e se dedicar ao divino. Nesse texto, a natureza feminina, através de Madalena, é definida pela fraqueza e pelo amor.²² Este autor retoma Agostinho ao sublinhar o papel de Maria Madalena na economia da salvação, afirmando:

Isto fez-se para que a mulher que trouxe a morte ao mundo não permanecesse no opróbrio: pela mão da mulher a morte, mas pela sua boca o anúncio da Ressurreição. Tal como Maria sempre virgem nos abre a porta do Paraíso, do qual nos excluiu a maldição de Eva, também o sexo feminino se desembarçou do seu opróbrio por Madalena.²³

No século XI são produzidos mais dois relatos sobre Madalena: a *Vida Apostólica* e a *Vida Eremítica*.²⁴ A *Vida Apostólica* relata a viagem de Madalena e Maximino, um dos discípulos de Cristo, até Marselha, onde ambos evangelizaram a região de Aix.

A *Vida Eremítica* é inspirada em uma biografia de Santa Maria Egípcíaca, pecadora arrependida, que circulava pela Europa desde, pelo menos, o século IX, e narra a retirada de Madalena para o deserto, após a morte de Cristo.²⁵ Esta obra foi composta no sul da Península Itálica, por volta de 900, e se espalhou, a partir de então, por toda a Europa ocidental. Foi na segunda metade do século XII que se fixou a tradição sobre o local em que Madalena viveu como eremita. Teve início a circulação da *legenda* segundo a qual Madalena, após aportar na França proveniente da Palestina com Lázaro, Marta e outros companheiros,²⁶ teria se dedicado ao eremitismo nas grutas de um monte localizado em Sainte-Baume.

No início do século XII, Geoffroi, abade do mosteiro da Trindade de Vêndome, compôs um sermão dirigido aos monges sob o seu comando intitulado *Em nome da bem aventurada Maria Madalena*.²⁷ Nele, Madalena é pintada com as cores do pecado, o pecado da carne. Ela é uma *meretrix*. Baseando-se inteiramente no Evangelho segundo Lucas, o abade descreve a cena da refeição na casa do fariseu, apresentando Madalena primeiramente como famosa pecadora, e depois como gloriosa pregadora. Maria Madalena, segundo Geoffroi de Vêndome, só se redimiou por completo depois de ter se lançado inteiramente no caminho da conversão, que atingiu por meio da mais dura penitência. Reinterpretando a *Vida Eremítica*, ele a situa, após a ascensão, em meio a penas ascéticas auto-infligidas.

É no século XIII, com o surgimento das grandes compilações hagiográficas, que é escrita uma das Vidas mais difundidas de Maria Madalena, a redigida por Tiago de Vorágine, futuro bispo de Gênova, em sua *Legenda Áurea*. Na narrativa dedicada a Madalena reúne os vários elementos da tradição que circulavam até então, como as tradições relativas aos padres do deserto, os contatos com a lenda de Santa Maria Egípcíaca,²⁸ a visão da ex-prostituta penitente etc.²⁹ Nesta obra, Madalena segue Jesus como “procuradora”, isto é, encarregada de cuidar das questões materi-

ais, e não como discípula. Escrita inicialmente em latim, seu sucesso foi tamanho que, já no século XIV, foram feitas traduções para diversas línguas vernáculas.

A Madalena que figura nos textos medievais é uma mulher rica, natural de Betânia, que dedicou parte de sua vida aos prazeres carnavais. Após arrepende-se, seguiu a Jesus, financiando-o e, depois de sua morte e ressurreição, tornou-se uma grande oradora, convertendo muitos através de sua eloquência. Para aperfeiçoar-se ainda mais no campo espiritual, terminou seus dias como eremita.

Pela junção das personagens neotestamentárias (Maria de Magdala, Maria de Betânia e a pecadora da cidade), das tradições apócrifas e da lenda de Maria Egípcíaca, no decorrer da Idade Média foi forjada uma Madalena que possuía diversas faces: pecadora e arrependida; companheira amorosa de Cristo; mulher rica e generosa; pregadora e eremita.

4. O CULTO A MARIA MADALENA NA IDADE MÉDIA

Como assinalamos no item anterior, da Antiguidade à Idade Média foram muitos os autores ocidentais que citaram Maria Madalena. No começo de forma indireta, pois ela ainda não era cultuada isoladamente, mas junto a outros santos que também estavam presentes na cena da ressurreição. Depois do século XII, ela ganha destaque e seu culto se desenvolve de forma excepcional. Assim, a partir da Baixa Idade Média, Madalena começará a ganhar mais popularidade. O crescimento da sua adoração, no entanto, não foi estimulado por grupos subalternos, mas principalmente pela Igreja e pelos poderes seculares.

As homilias, sermões, vidas, enfim, os escritos medievais sobre Maria Madalena deixam transparecer que o culto a essa santa estava imbuído de variadas funções, que receberam maior ou menor ênfase no decorrer do período, em função das diferentes demandas sociais, religiosas e políticas.

No texto atribuído a Odon de Cluny, datado do século X, citado no item anterior, a figura dessa mulher é relacionada à Igreja e, particularmente, à comunidade monástica. Nesse período é enfatizado o gesto mais eloqüente da santa: o ato de se ajoelhar diante de Cristo. Essa postura de humilhação ocupava lugar central nos ritos de passagem que representavam a conversão, ou seja, o abandono de um determinado estado para a adoção completa de outro. O rito de vassalagem, o casamento e o próprio ingresso no mundo monástico eram exemplos disso: durante o ritual de entrada na vassalagem, o vassalo se ajoelhava diante do seu senhor; no casamento, a noiva ajoelhava-se diante de seu esposo; na profissão monástica, os monges se ajoelhavam diante do Senhor, tal como descrevem os costumes de Cluny. Esse gesto indicava a obediência. Com ele Madalena convidava os homens a servir ao Senhor, abandonando-se de forma magnífica, como ela própria havia feito.

O primeiro centro de devoção a Madalena no Ocidente foi a abadia beneditina de Vézelay. Em 1037, um novo abade foi eleito, Geoffroi. Seu objetivo era reformar o mosteiro e torná-lo próspero. Para tanto, foram “inventadas” e expostas relíquias de Madalena,³⁰ e em 1050 este cenóbio foi colocado sob a proteção da santa. É nessa época que os monges da abadia começam a espalhar a notícia de que os restos de Madalena estavam em sua posse. Não tardou até que grupos de peregrinos se formassem para visitar o mosteiro. A peregrinação a Vézelay provocou em toda a cristandade latina a explosão do culto à santa.

Por que em Vézelay escolheu-se justamente Maria Madalena como patrona? Duby³¹ aventa dois motivos possíveis: talvez porque a veneração a esta santa já houvesse começado a crescer no Ocidente; e principalmente porque ela se tornara a padroeira da reforma dos costumes eclesiásticos naquela região. Como é sabido, no século XI a reforma eclesiástica encontra-se em andamento, sob a direção do papado, e Madalena tornara-se um de seus emblemas. Os exemplos de submissão, de serviço e de amor dados pela santa deveriam estender-se a toda a Igreja, seja nos braços regular ou secular. Se tal instituição estava maculada, culpável, deveria ajoelhar-se e converter-se, abandonado a vida antiga, como fizera a santa.

Durante o século XIII Maria Madalena se afirmava cada vez mais como pecadora e penitente. É nesse século que a adoração da santa atinge o auge. A pregação popular se amplia e a figura de Maria Madalena ganha lugar de destaque na piedade das novas ordens religiosas mendicantes. Franciscanos e Dominicanos tornam-se propagadores do culto e da imagem desta santa. Para alguns, ela continuava sendo a “beata amorosa”, mas o que domina a cena agora é o pecado da carne, expiado pela autodestruição física. Isso pode ser atestado, dentre outros fatores, pela mudança da leitura, ao longo do século XIII, a ser feita no dia 22 de julho. Da passagem sobre a manhã de Páscoa, descrita por João,³² passa-se para a refeição na casa do fariseu, narrada por Lucas,³³ e acentua-se o abandono da Maria Madalena esvaída em pranto pela dor da perda de seu amado Senhor a favor da prostituta que chora seus pecados.

Em fins daquele século, em 1279, o futuro rei Carlos II, de Nápoles, então conde da Provença e príncipe de Salerno, encontrou na basílica de Saint-Maximin um corpo que foi

tido como de Madalena. Tal notícia obteve muita repercussão no Ocidente, reanimando as peregrinações e a fundação de outros santuários madalenianos. Houve então um desacordo entre os monges das abadias de Vézelay e Saint-Maximin, cada grupo tentando provar a veracidade dos restos da santa que possuíam por meio de documentos forjados. Tal disputa não visava somente a devoção, mas em grande parte o encorajamento das peregrinações e, conseqüentemente, das esmolas que as seguiam, visto que neste momento o culto a Madalena já havia se expandido. Além disso, a descoberta provençal aliava a amada discípula de Jesus com a dinastia angevina e sua ambição imperial. Com a “casual” descoberta de Carlos de Salerno, Maria Madalena se transformou na patrona angevina e na protetora da Provença.³⁴

Ao mesmo tempo em que, nos séculos finais da Idade Média, o culto a Madalena se popularizava e crescia, sua imagem como mulher rica, nobre e devotada a Cristo vai sendo substituída pela imagem de uma criatura portadora do mal e dilacerada pela mortificação. Estes dois dados devem ser compreendidos à luz do sucesso alcançado pela reforma eclesiástica patrocinada por Roma e pelas novas necessidades que esta Igreja, agora juridicamente organizada e centralizada sob a direção do papado, suscitavam.

No século XIII, a atenção da Igreja Romana esteve voltada para o cuidado dos fiéis, sobretudo das mulheres. Com a retomada de Aristóteles neste período, consolidou-se a idéia de que as mulheres eram homens imperfeitos e que deveriam ser constantemente tuteladas. Logo, fazia-se necessário apresentar para as mulheres leigas modelos bíblicos de comportamento e Maria Madalena foi a escolhida.

Neste sentido, os sermões sobre Madalena influenciaram de forma definitiva os hábitos religiosos femininos e enraizaram cada vez mais na cultura religiosa medieval a confissão e a penitência como meios para o fiel encontrar a salvação;³⁵ estimulavam a inserção mais ativa da mulher nos quadros eclesiásticos; e, acima de tudo, o exemplo da santa constituiu uma imagem ideal feminina mais humana que a vigente até então, a da Virgem Maria.

Maria Madalena também representou um papel simbólico fundamental em todas as iniciativas de recuperação de mulheres “perdidas”. Durante todo o século XIII várias organizações e sociedades para prostitutas convertidas surgiram tendo essa santa como padroeira e/ou em seu nome, como, por exemplo, a Ordem das Penitentes de Santa Maria Madalena, fundada na Alemanha em 1225, ou ainda da Ordem de Madalena, surgida em Nápoles, em 1324.³⁶ Essa recuperação de mulheres de “má vida” ocorria paralelamente à organização espacial e social dessas mulheres nas cidades.

Porém, Maria Madalena significou para Igreja não só como um modelo no qual as mulheres deveriam espelhar sua conduta, mas ajudou também em outros propósitos. Como era considerada uma mulher de muitas posses, justificava a riqueza eclesiástica. Se a santa criatura não teve pudor de seus bens, porque deveria a Igreja despojar-se dos seus? ³⁷

No decorrer da Idade Média também foram atribuídos poderes milagrosos à santa: ela devolvia a visão aos cegos, a fala aos mudos, o movimento aos paralíticos – milagres que o próprio Cristo havia realizado. Assim, acreditava-se que nela o fiel poderia encontrar a cura, a libertação dos pecados, o amor divino, as lágrimas, a remissão.

5. CARACTERÍSTICAS DA VIDA CASTELHANA DE SANTA MARIA MADALENA

A *Vida de Santa Maria Madalena* aqui publicada foi extraída do manuscrito h-I-13, da Biblioteca do Mosteiro do Escorial. Ela foi transmitida de forma incompleta, já que faltam quatro fólios do manuscrito. Além desta, fazem parte do manuscrito outras nove vidas, entre elas a de Santa Marta e a de Santa Maria Egípcíaca.³⁸ Escrita por um autor anônimo do século XIV, trata-se de um texto em prosa, que combina narrativa e diálogos entre as personagens, e é dividido, na forma em que nos chegou, em cinco partes: Milagre que fez Santa Maria Madalena; Como a mulher do cavaleiro se foi com ele; Como a senhora deu à luz; Como mamava a criança estando sua mãe morta, e Como o romeiro achou a criança trabalhando na beira do mar.

Esta obra é, provavelmente, parte de um *Flos sanctorum* – florilégio dos santos – ou seja, insere-se em um conjunto de narrativas simplificadas da vida e dos milagres de um determinado grupo de “eleitos de Deus”.

Esta não foi a única versão da *Vida de Maria Madalena* a circular na Península Ibérica no século XIV. A título de exemplo, destacamos os textos que foram elaborados em catalão em fins do século XIII ou início do XIV: uma obra em versos, *Cantinella de Sancta Maria Magdalena*, e uma tradução livre do texto de Vorágine, *De senta Maria Magdalena*, uma das vidas presentes na compilação *Vides de sants rosselloneses*.³⁹ Também há notícias de um poema composto em castelhano, no século XIII, em *cuaderna vía*, hoje perdido, na obra *Vida de Sant Alifonssó por metros* (273bcd):⁴⁰

e el de la Magdalena ovo enante rimado,
al tiempo que [de] Úbeda era beneficiado.
Después quand éste fizo bivié en outro estado.

A presença de tantas versões sobre a vida de Madalena compostas em línguas romances na Península Ibérica é um indicio da popularidade alcançada por esta santa nesta região ao final da Idade Média, sobretudo entre os leigos.

É bem provável que a *Vida de Santa Maria Madalena* que apresentamos neste volume teve como sua fonte primordial a *Legenda Áurea*, tendo em vista as semelhanças entre os textos. Mas não se trata de uma tradução completa desta obra, e sim de uma adaptação livre. Face ao relato da *Legenda Áurea*, a *Vida de Santa Maria Madalena* é muito mais breve. Direcionado a um público leigo, não letrado, objetiva, sobretudo, divulgar o culto de Madalena.

Uma das características mais latentes dessa vida anônima é sua marcada oralidade: tem-se a impressão de que o autor fala diretamente a seu público. A narrativa transcorre em um tom inteiramente informal, que denuncia uma sociedade em transição: de uma cultura amplamente fundada na transmissão oral passa-se a uma mais literária, ou escrita. Escreve-se como se fala. Daí o questionamento: essa vida teria como objetivo a recitação ou a leitura solitária?

É provável que ambas as respostas sejam válidas. Foi recitada, levando em conta o espaço de difusão da hagiografia em vernáculo: voltadas para uma audiência leiga, estas obras eram, provavelmente, lidas nas praças, igrejas e mosteiros em dias de festividades religiosas. Além disso, como o texto encontrava-se em castelhano e fixado por escrito, também estava acessível para a leitura individual que começava a se impor neste momento entre os leigos.⁴¹

6. A VIDA CASTELHANA DE SANTA MARIA MADALENA FACE À LEGENDA ÁUREA

Uma comparação entre a narrativa sobre Madalena escrita por Tiago de Vorágine e a que vai aqui publicada se justifica, sobretudo, pela semelhança entre as duas, inclusive com a presença de frases similares,⁴² o que leva a supor que o autor anônimo tenha se baseado naquela compilação hagiográfica para compor a sua própria narrativa. Além disso, como já assinalamos, o relato presente na *Legenda Áurea* foi um dos mais importantes produzidos no medievo sobre esta santa, já que foi o primeiro a reunir os principais elementos que cristalizaram a imagem de Madalena como pecadora arrependida, asceta e pregadora.

Os dois textos estão estruturados de forma diferente. Na *Legenda* os capítulos são subdivididos por números⁴³ e na versão castelhana estes se separam por títulos. Além disso, os capítulos não coincidem nas duas versões.

À Maria Madalena é dedicado o capítulo 96 da obra de Tiago de Vorágine, uma das vidas mais longas da *Legenda Áurea* sobre uma mulher. Ele inicia seu relato com um estudo etimológico acerca dos significados do nome de Maria Madalena, que não aparece na versão em castelhano. Essa pequena reflexão etimológica feita pelo autor genovês é, por um lado, fruto do estilo pessoal do autor, mas também está em harmonia com a sua proposta de elaborar uma compilação voltada para um público letrado e, em sua maioria, clerical. Como o autor da *Vida de Santa Maria Madalena* em castelhano não possuía os mesmos objetivos e visava atingir um outro tipo de público, tal preâmbulo é omitido em sua obra.

A essa introdução segue-se a vida de Madalena baseada nos relatos dos Evangelhos canônicos, ainda que de forma bastante livre. A *Vida* castelhana, no entanto, não considera esse conteú-

do, tratando diretamente da parte lendária da vida da santa, a partir de sua viagem a Marselha. Seu primeiro parágrafo já evidencia uma diferença marcante em relação à *Legenda Áurea*. Enquanto esta última afirma que a viagem a Marselha foi um milagre de Deus, pois Madalena e seus companheiros haviam sido lançados ao mar numa embarcação sem remos por pagãos que queriam matá-los, aquela indica que a viagem fora planejada por Madalena.

Porém, apesar da diferença anteriormente realçada, as semelhanças se mostram importantes. Entre outras, podemos destacar o fato de que as personagens da “aventura” são as mesmas – Lázaro, Marta, Maximino e o cego, que na *Legenda Áurea* é nomeado Cedônio – ainda que Martila, a serva de Marta, não esteja presente na versão castelhana que possuímos.

Lá chegando, segundo Tiago de Vorágine, a comitiva de Madalena refugiou-se debaixo do telhado de um templo pagão, onde ela começou a pregar aos que ali viviam. Este episódio está ausente na versão em castelhano. Aqui eles dormem na praia onde aportaram e é nela que os pagãos vão sacrificar aos deuses.

Em ambos os relatos segue-se então a descrição de Madalena como grande oradora, elemento que, como vimos, desenvolveu-se a partir, sobretudo, dos evangelhos apócrifos.

Depois do primeiro encontro com o governador da província e sua esposa, segundo a *Legenda Áurea*, Madalena consegue convencê-los a não mais adorar aos deuses. Na vida em castelhano esse convencimento só se dá após um sonho e adiciona um novo dado: a esposa do governador manda alimentar a comitiva de Madalena depois do primeiro encontro.

É interessante sublinhar que o redator castelhano identifica o cargo de governador provincial, tal como figura na *Legenda Áurea*, com títulos como “señor da província” e “caallero”,

adaptando o vocabulário latino aos termos correntes no cotidiano ibérico.

Segue-se então nas duas versões a descrição – extremamente semelhante – das aparições noturnas de Madalena àquele casal abastado que não podia ter filhos. Repetem-se a narrativa da ira de Madalena, de todos os seus argumentos, de sua ameaça e, por fim, da aceitação do casal em ajudá-la e a seus companheiros. Contudo, na versão castelhana, logo depois deste fato, Madalena opera o milagre de conceder-lhes um filho, enquanto que na *Legenda Aurea* o governador diz que só aceitará Cristo se lhe fosse dada a graça de ter uma criança. Outra diferença entre as duas versões no tocante a este milagre é que, na versão original, não há menção à relação sexual mantida pelo casal que resultou na gravidez da mulher. Segundo a *Legenda Aurea*, a mulher do governador ficou grávida após fervorosas preces de Madalena. Na vida castelhana lê-se: “ E pouco depois disso, tendo o senhor dormido com sua mulher, ela concebeu.”

Posteriormente à realização deste milagre, o governador decide viajar para encontrar-se com Pedro e confirmar sua fé em Cristo. Sua esposa insiste em unir-se a ele nesta viagem e para convencê-lo, segundo a *Legenda*, “apelou para os recursos que as mulheres usam em semelhantes casos: a obstinação e as lágrimas (...) e não cessou em seu pranto nem se levantou do solo até que conseguiu o que pretendia.”⁴⁴ Tiago de Vorágine seguiu, neste aspecto, o pensamento corrente no medievo que associava o choro à mulher, seja como sinal de fraqueza ou como uma artimanha para obter favores. Essa passagem também está presente na *Vida* castelhana da santa, contudo sem incluir um juízo sobre o pranto da mulher.

O embarque e a turbulenta viagem são relatados da mesma forma em ambas as vidas. Nas duas está presente o desespero do pai e a insistência dos tripulantes em jogar o corpo da mãe ao mar, para que a tempestade chegasse ao fim. Repetem-se também

as súplicas do governador aos marinheiros para que não se livrassem de sua esposa; a repentina aparição, ao longe, de uma pequena porção de terra, onde seria enterrada a mãe e a criança posta à morte; a impossibilidade de enterrar a mulher; as palavras amargas que o governador dirige a Madalena.

É neste ponto que as duas narrativas se distanciam um pouco. Na *Legenda Áurea* o homem volta ao barco e navega até Roma para encontrar Pedro.⁴⁵ No relato em castelhano o autor narra o milagre carregado de emoção, dizendo que mesmo com a mãe morta a criança ainda mamava em seus seios, mantendo-se, portanto, viva. Ainda sublinha que embora seu corpo não mais vivesse, a alma da mulher acompanhava seu marido na peregrinação. Segue-se, então, o início da narrativa sobre a chegada do governador e sua conversa com Pedro, mas ela é interrompida, porque a obra não foi transmitida completa.

Na *Legenda Áurea*, no entanto, o relato continua. A mãe da criança ressuscita e conta ao esposo que peregrinou com ele em espírito. O casal retorna a Marselha, agradece imensamente a Madalena, e manda destruir todos os templos pagãos da região, erguendo igrejas em seu lugar. Lázaro é eleito bispo desta cidade e os outros dirigem-se a Aix, onde Maximino recebeu a ordenação episcopal. Com o estabelecimento da fé cristã nesta região, Madalena considera sua missão cumprida e se retira para o deserto. Durante trinta anos, sete vezes por dia, os anjos a levavam ao céu para assistir aos ofícios celestiais. Finalizando o relato, Maria Madalena, sentindo que a morte se aproximava, vai até uma Igreja para comungar antes de ir se reencontrar com o Senhor.

Além de mais sintético, o relato da *Vida* castelhana não apresenta discussões ou referências eruditas. Mais pragmático, centrado nas angústias humanas e emotivo, não incorpora críticas ao comportamento feminino. Dá realce ao fantástico, provavelmente para seduzir seus ouvintes, sobretudo leigos.

Em um momento em que o arrependimento e a confissão ainda estão sendo estimulados pela Igreja e que se faz mister combater as heresias através da pregação, sobretudo dos mendicantes, a vida desta santa arrependida em castelhano tornou-se um relato modelar que alcançou, por sua brevidade e simplicidade, os fiéis não letrados.

¹ Maria Madalena figura em diversos textos apócrifos do Novo Testamento. Ressaltamos somente os apócrifos gnósticos já que, dentro desta doutrina, ela ocupa um lugar de destaque.

² *Gnose* é um termo grego que significa conhecimento superior das coisas divinas.

³ SANTOS OTERO, A. (Org.). *Los Evangelios Apócrifos*. Edición crítica y bilingüe. Madri: BAC, 1987. p. 724.

⁴ Idem.

⁵ Certos grupos gnósticos baseavam suas crenças no cristianismo. Alguns promoviam sua helenização, unindo-o a cultos orientais. Sua ética variava bastante, tendo certos grupos defendido uma postura puritana, e outros, orgiástica. Cf., entre outros, SIMON, M. et BENOIT, A. *Judaísmo e Cristianismo Antigo – de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Pioneira/USP, 1987. p 275-87 e KUNTZMANN, R., DUBOIS, D. *Nag Hammadi. O Evangelho de Tomé. Textos gnósticos das origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

⁶ SANTOS OTERO, A. Op. cit. p. 693.

⁷ SCHMIDT, C. et MACDERMOTT, V. (Trad.) *Pistis Sophia*. Book 1, cap. 17. In: www.pseudepigrapha.com/PistisSophia/pistisSophia_Book1.htm

⁸ Idem.

⁹ *The Gospel According to Mary. Gnostic Scriptures and Fragments. The Gnostic Society Library*. In: www.gnosis.org/library/marygosp.htm

¹⁰ Embora não se possa ainda falar de ortodoxia nesse momento, por conta da falta de sistematização da doutrina naqueles primeiros séculos da Igreja, utilizamo-nos de tal termo em oposição às seitas heréticas.

¹¹ Ver item 1.

¹² O relato não faz nenhuma menção ao pecado específico dessa mulher. Contudo, a expressão “pecadora na cidade” equivale à de pecadora pública e permite supor que ela era uma prostituta.

¹³ Logo após a narrativa da pecadora na casa de Simão, Lucas nomeia Maria Madalena pela primeira vez e informa que dela haviam saído sete demônios. No cristianismo primitivo os demônios estavam relacionados com o pecado, e como esse relato se segue ao da “pecadora da cidade”, pouco a pouco as duas personagens foram sendo confundidas e sobrepostas.

¹⁴ Maria de Betânia é lembrada uma vez no Evangelho segundo Lucas (Lc. 10,38-42) e duas vezes no Evangelho segundo João (no capítulo 11 e no já citado Jo. 12,1-8).

¹⁵ SEBASTIANI, L. *Maria Madalena: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 71.

¹⁶ ORÍGENES. *Contra Celsum Libri VIII*. In: *Patrologia Grega*, v. XI, col. 65-1632.

¹⁷ AMBRÓSIO. *Expositio Evagelii secundum Lucam*. In: *Patrologia Latina*, v. XV, col. 1527-852.

¹⁸ GREGÓRIO MAGNO XL *Homiliarum in Evangelia libri II: -Homilia XXXIII*. In: *Patrologia Latina*, v. LXXVI, 1238-1246.

¹⁹ A figura de Maria Madalena está estreitamente ligada à idéia do “*per femina mors, per femina vita*”. Já Agostinho, inspirado em Paulo, dizia: “pelo fato de o ser humano ter caído por meio do sexo feminino, por meio do sexo feminino foi curado de novo, a partir do momento em que uma Virgem havia gerado o Cristo e uma mulher anunciava que ele havia ressuscitado. Pela mulher a morte, pela mulher a vida.” AGOSTINHO. Sermão

CCXXXII (*In diebus paschalibus III: De resurrectione Christi secundum Lucam*). In: *Patrologia Latina*, v. XXXVIII, col. 1108.

²⁰ PEDRO CRISÓLOGO. *Sermo XCII (De conversione Magdalene)*. In: *Patrologia Latina*, v. LII, col. 460-4.

²¹ IOGNA-PRAT, D. Marie Madeleine, (sainte). In: VAUCHEZ, A. (Dir.) *Dictionnaire encyclopédique du Moyen Âge*. Paris: Cerf, 1997. V. 2, p. 963-4, p. 963.

²² O “ardor fervorosíssimo do amor” é mostrado, neste sermão, como uma virtude maior. Idem, p. 37.

²³ Odon de Cluny apud DALARUN, J. Olhares de Clérigos. In: DUBY, G. & PERROT, M. (Dir.), KAPLISCH-ZUBER, C. (Org.) *História das Mulheres. A Idade Média*. Porto-São Paulo: Afrontamento-EBRADIL, 1990. p. 50.

²⁴ DUBY, G. DUBY, G. Maria Madalena. In: _____. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 31-54, p. 43.

²⁵ A Vida de Santa Maria Egípcíaca, na qual esse relato se baseia, foi traduzida do grego no séc IX por Paulo Diácono e por Anastácio, o Bibliotecário, passando a ser conhecida no Ocidente. Cf. SAXER, V. Maria Madalena, santa. In: *BIBLIOTHECA SANCTORUM*. Roma: [s/ed.], 1967. V. 8, col. 1089.; DUBY, G. Idem. e DALARUN, J. Op. cit. p. 49.

²⁶ O *topos* da viagem além-mar do Oriente ao Ocidente é significativo no tempos das Cruzadas, e revestido de valores morais e religiosos, já que unia em si elementos da peregrinação e do martírio.

²⁷ DALARUN, J. Op. cit. p. 48.

²⁸ Ruiz Dominguez, no entanto, acredita que a Vida de Santa Maria Egípcíaca foi, na verdade, inspirada na de Madalena, e não ao contrário. RUIZ DOMINGUEZ, J. A. *El Mundo Espiritual de Gonzalo de Berceo*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1999. p. 81-2.

²⁹ Tiago de Vorágine resolveu o problema da identificação de Maria Madalena com Maria de Betânia, irmã de Lázaro, fazendo as denominações derivarem das propriedades que herdou. Assim, Maria de Magdala, ou Maria Madalena, tinha esse nome porque era proprietária do castelo de Magdala, situado em Betânia, sendo também conhecida, conforme assinalam os Evangelhos, como Maria de Betânia. SANTIAGO DE VORÁGINE. *La Leyenda Dorada*. Madri: Alianza, 1994. 2 v. V. 1, p. 383.

³⁰ A Europa carecia de relíquias dos apóstolos, penúria grave numa época em que o corpo de um santo era visto como elemento de ligação entre o céu e a terra, e em que era premente vincular-se aos tempos apostólicos através daqueles que haviam convivido com Jesus. Era essa presença que fazia o sucesso das peregrinações a Roma, onde jazia Pedro, e a Compostela, onde jazia Tiago, únicos apóstolos sepultados na Europa Ocidental.

³¹ DUBY, G. Op. cit. p. 42

³² Jo. 13,18.

³³ Lc. 7,36-50.

³⁴ JANSEN, K. *The Making of the Magdalen: preaching and popular devotion in the later Middle Ages*. New Jersey: Princeton University Press, 2000. p.19

³⁵ O IV Concílio de Latrão torna a confissão anual obrigatória. Cf. FOREVILLE, R. (Ed.). *Lateranense IV*. Vitória: Eset, 1973.

³⁶ PILOSU, M. *A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995. p. 76.

³⁷ DUBY, G. Op. cit. p. 45.

³⁸ BAÑOS VALLEJO, F. *La hagiografía como género literario en la Edad Media. Tipología de doce vidas individuales castellanas*. Oviedo: Departamento de Filología Española, 1989. p. 240-8.

³⁹ CANTAVELLA, R. Medieval Catalan Mary Magdalen Narratives. In: CONOLLY, J.; DEYERMOND, A. et DUTTON, B. (Ed.) *Saints and their authors: Studies in Medieval Spanic Hagiography*. In Honor of John K. Walsh. Madison, 1990. p. 27-36.

⁴⁰ DEYERMOND, A. Lost hagiography: A Tentative Catalogue. In: CONOLLY, J.; DEYERMOND, A. et DUTTON, B. (Ed.). Op. cit. p. 139-48.

⁴¹ Sobre a leitura entre os séculos XII ao XV no Ocidente ver SAENGER, P. A leitura nos séculos finais da Idade Média. In: CAVALLO, G. et CHARTIER, R. (Org.). *História da Leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998. p. 147-84.

⁴² Por exemplo, na *Legenda Áurea* encontramos uma frase que aparece de forma quase idêntica no relato castelhano, porém, em uma parte um pouco posterior, depois da santa ter encontrado o prefeito e sua esposa. No texto de Vorágine lemos: “Não deveis estranhar que de uns lábios que tão delicada e piedosamente haviam coberto de beijos os pés de Cristo, brotasse a palavra de Deus com especialíssima unção”; na versão castelhana anônima, “E não deveis maravilhar-vos que a boca de Madalena bem e prudentemente falasse, pois ela havia beijado os pés de Jesus Cristo”.

⁴³ A divisão dos textos em números é uma característica das compilações elaboradas no fim da Idade Média. Sobre a questão, ver a obra já citada CAVALLO, G., CHARTIER, R. (Org.) Op. cit.

⁴⁴ SANTIAGO DE VORÁGINE. Op. cit., p. 386.

⁴⁵ Há que ressaltar que na Vida castelhana não é mencionado o lugar para onde os peregrinos se dirigiam.

BIBLIOGRAFIA

1. DOCUMENTOS MEDIEVAIS IMPRESSOS:

- AGOSTINHO. Sermão CCXXXII (*In diebus paschalibus III: De resurrectione Christi secundum Lucam*). In: *Patrologia Latina*, v. XXXVIII, col. 1108.
- AMBRÓSIO. *Expositio Evangelii secundum Lucam*. In: *Patrologia Latina*, v. XV, col. 1527-852.
- FOREVILLE, R. (Ed.). *Lateranense IV*. Vitória: Eset, 1973.
- ORÍGENES. *Contra Celsum Libri VIII*. In: *Patrologia Grega*, v. XI, col. 65-1632.
- PEDRO CRISÓLOGO. Sermo XCII (*De conversione Magdalenae*). In: *Patrologia Latina*, v. LII, col. 460-4.
- SANTIAGO DE VORÁGINE. *La Leyenda Dorada*. Madri: Alianza, 1994. 2 v.
- SANTOS OTERO, A. (Org.). *Los Evangelios Apócrifos*. Edición crítica y bilingüe. Madri: BAC, 1987.

2. OBRAS GERAIS:

- BAÑOS VALLEJO, F. *La hagiografía como género literario en la Edad Media. Tipología de doce vidas individuales castellanas*. Oviedo: Departamento de Filología Española, 1989.
- BERLIOZ, J. (org.) *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994.
- CAVALLO, G., CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
- CONOLLY, J., DEYERMOND, A, DUTTON, B. (Ed.) *Saints and their Authors: Studies in Medieval Spanic Hagiography. In Honor of John K. Walsh*. Nova York: Madison, 1990.
- DALARUN, J. Olhares de Clérigos. In: DUBY, G. & PERROT, M. (Dir.), KAPLISCH-ZUBER, C. (Org.) *História das Mulheres. A Idade Média*. Porto-São Paulo: Afrontamento-EBRADIL, 1990.
- DUBY, G. Maria Madalena. In: _____. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 31-54.
- DUFFY, E. Acima das Nações: 1000-1447. In: _____. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. p. 87-132.
- MARTIN ALONSO. *Diccionario Medieval Español*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1986. 2 v.

- PELIKAN, J. *Maria através dos séculos. Seu papel na história da Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PILOSU, M. *A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.
- RUIZ DOMINGUEZ, J. A. *El Mundo Espiritual de Gonzalo de Berceo*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1999.
- SIMON, M. BENOIT, A. *Judaísmo e Cristianismo Antigo – de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Pioneira/USP, 1987.
- TASKER, E. *Encyclopedia of Medieval Church Art*. Londres: B.T. Batsford, 1993.
- WARNER, M. *Alone of All Her Sex. The Myth and the Cult of the Virgin Mary*. Nova Iorque: Vintage Books, 1983.

3. OBRAS ESPECÍFICAS:

- BATTISTI, E. Maria Madalena. In: *ENCICLOPÉDIA CATTOLICA*. Florença: Sansoni, 1954. V. 8.
- DALARUN, J. Eve, Marie ou Madeleine? La dignité du corps féminin dans l'hagiographie médiévale (VIe – XIIe siècle). *Medievales*, v. 8, p.18-32, 1985.
- DUPERRAY, E. (Ed.) *Marie Madeleine dans la mystique, les arts et les lettres*. Paris: s/ed, 1989.
- FAXON, A. *Women and Jesus*. Nova York: United Church Press, 1973.
- GOBI, J. *Miracles de Sainte Maria Madeleine*. Paris: CNRS, 1996.
- IOGNA-PRAT, D. Marie Madeleine, (sainte). In: VAUCHEZ, A. (Dir.) *Dictionnaire encyclopédique du Moyen Âge*. Paris: Cerf, 1997. V. 2, p. 963-4.
- JANSEN, K. *The Making of the Magdalen: preaching and popular devotion in the later Middle Ages*. New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- LÉGASSE, S. Jésus et les prostituées. *Révue Theologique de Louvain*, v. 7, p. 137-54, 1976.
- SAXER, V. *Le culte de saint Marie Madeleine en Occident des origines à la fin du Moyen Age*. Paris: Clavreuil, 1959. 2v.
- _____. Maria Maddalena, santa. In: *BIBLIOTHECA SANCTORUM*. Roma, [s/ed.], 1967. V. 8, Col. 1089.
- SEBASTIANI, L. *Maria Madalena: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis: Vozes, 1995

NOTAS SOBRE A EDIÇÃO E A TRADUÇÃO

O texto da *Vida de Santa Maria Madalena* (SMM) que publicamos nesta edição é a transcrição do manuscrito h-I-13 da Biblioteca do Escorial (Espanha) elaborada por Thomas D. Spaccarelli, sob a direção de John O’Neill, e editada por *The Hispanic Seminary of Medieval Studies* de Nova York. Mantivemos rigorosamente a ortografia do texto,¹ realçando as lacunas no documento através do uso do sinal “ ? “. As glosas e os títulos presentes no manuscrito foram preservados, bem como as indicações dos fólhos.

Tendo em vista que esta tradução é resultado do trabalho de uma equipe de historiadores, e não de lingüistas ou filólogos, optou-se por realizar uma versão interpretativa do documento e não sua tradução literal. Neste sentido, consideramos que o texto que apresentamos em português é uma leitura possível, mas não a única, da SMM.

Como um de nossos objetivos é divulgar os textos medievais entre estudantes e interessados em geral, optamos por incluir notas explicativas que auxiliem a apreensão desta obra por parte do público não familiarizado com a História da Idade Média.

¹ As variações nas grafias das palavras, a ausência de pontuação e parágrafos, a falta de rigor no uso de maiúsculas e minúsculas eram comuns nos manuscritos medievais, já que tais regras estavam ainda em formação e longe de serem universalmente aceitas e fixadas. Elas foram, contudo, inseridas em nossa tradução como parte integrante de nossa interpretação sobre o texto. Sobre a questão ver PARKES, M. Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, G., CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998. p. 103–122.

Vida de Santa Maria Madalena

TEXTO BILÍNGÜE

[fol. 1r]

Despues que nuestro señor Jesu xpisto que fue medianero entre dios & los omes por su pasion & por su Resurecion ouo vencida la muerte & fue glorificado & sobido a los cielos ala bendita santa maria magdalena & ?? s?? ??miano a que sant pedro la encomendo con su hermana santa marta & con su hermano sant lazaro & ?? aquel ciego que nuestro señor ihesu xpisto guarecio por su misericordia & con aquella palabra que dixo a ihesu xpisto enla pedricacion *Beatus uenter qui te portauit & ubera quae ssusiste* que quier dezir bendito fue el vientre que te traxo & las tetas que mamaste & muchos otros dicipulos venieron com ella ala mar & entraron en vna naue & ouieron buen viento & aportaron en marsella & descendieron de la naue & entraron enla villa & non fallaron quien los albergase & tornaronse ala Ribera & ouieron de yazer enlas piedras & alla yoguyeron toda la noche en pregarias & en oraciones & enla mañana llego la mala gente dela villa por fazer sacrificio a los ydolos & quando ellos llegaron leuantarase ya la magdalena

AD. Flos sanctorum vidas de algunos santos & otras historias &lla era muy fermosa & de buen donaire & muy sesuda & de muy buena palabra & muy arzeziada & comenco de pedricar las palabras dela vida & dela salut asy que todos se marauillaron dela su beldat & delas sus sesudas palabras de como las mostraua sesudamente

mjrjaglo que fizo santa maria madalena

Otro dia despues veno a aquel logar vn ome de grant guysa com su mugier por sacrificar a los ydolos & el era señor de toda aquella prouincia & auia muy grant pesar por que non podia auer fijo nin fija que deseaua mucho.

Depois que nosso senhor Jesus Cristo, que foi mediador entre Deus e os homens por sua paixão e por sua ressurreição, venceu a morte, foi glorificado e subiu aos céus, a bendita Santa Maria Madalena - encomendada a São Maximiniano por São Pedro -¹ juntamente com sua irmã Santa Marta, com seu irmão São Lázaro & ??aquele cego,² que nosso senhor Jesus Cristo protegeu por sua misericórdia - com aquela palavra que disse sobre Jesus Cristo na pregação, *Beatus uenter qui te portauit & ubera quae susiste*,³ que quer dizer “bendito foi o ventre que te carregou e as tetas em que mamaste”, muitos outros discípulos vieram com ela até o mar e entraram em um navio.

Houve bom vento. Aportando em Marselha, desceram do navio e entraram na cidade. Não encontrando quem os hospedasse, voltaram à praia e tiveram que deitar nas pedras. Ali alegraram-se⁴ toda a noite, com pregações e orações. Pela manhã, a má gente da cidade chegou para fazer sacrifícios aos ídolos. Quando eles se aproximaram, Madalena já havia se levantado.

AD. *Flos sanctorum*. vidas de alguns santos e outras histórias

Ela era muito formosa, gentil, muito prudente, de muito boa palavra e muito corajosa. Começou a pregar as palavras da Vida e da Salvação, de tal forma que todos se maravilharam com sua beleza e com suas sábias palavras e de como as explanava prudentemente.

MILAGRE QUE FEZ SANTA MARIA MADALENA

Depois, em outro dia, veio àquele lugar um homem de grande condição com sua mulher para sacrificar aos ídolos. Ele era senhor de toda aquela província e tinha uma dor muito grande porque não podia ter filho nem filha, o que desejava muito.

& la bendita magdalena pedricaua alli de ihesu xpisto como nasciera dela virgen & como los judios lo crucificaron & como fuera muerto & soterrado & como Rescudara al tercer dia & por esto les mandaua que non feziesen sacrificio a los ydolos. & que aquel creyesen & adorasen que todo el mundo feziera & formara aquellos todos que oyan la su palabra yuan despues a ella mas de grado & mas de buen corascon la ascuchauan & bien tanto por su beldat como por sabor de oyr su palabra & non uos deuedes marauillar sy la boca dela magdalena bien fablaua & sesuda mente Ca ella auia besado los pies de ihesu xristo & ntonce la mugier de aquel Rico ome embio dar de comer a aquellos omes por sus sieruos que entendio quel eran leales Ca sse temja mucho dela crueza de su marido & dela deslealtad de dos que biuian conel & despues desto

Aquella dueña dormia vna noche con su marido & la ssanta magdalena le aparescio

[fol. 1v]

en ssueños & dixole que pues ella era tan Rica que por que dexaua morir de fanbre & de sed a los santos omes & amenazola synon lo dixiese cedo a su marido que les feziese alguna cosa & la dueña desperto mas non oso dezir a su marido su vision & a otra noche despues vino a ella como de ante mas la dueña nonlo oso dezir. Otrossy la tercera noche la bendita magdalena. aparecio muy Sañuda a ambos & muy temerosa & semejaua su Rostro como si fuese fuego o asi como sy la casa ardiese. & dixoles ome de grant crueza tu & tu mugier que estouo tanto que te non dixo lo que le mande Tu fuelgas que eres enemigo dela cruz de ihesu xpisto & crias tu cuerpo con muchas maneras de comeres & de beueres & dexas morir los sieruos de dios de fanbre & de sed & de otras coitas & yazes tu en tu palacio enbuelto en paños de seda & ellos yazen en mesquindat & en lazeria. Tu ves que ellos son desconfortados & non los confortas Tu ves que non an posada & non gela das tu pasas por ellos & non los catas Ay desleal tu non escaparas asy ante conpraras lo que tanto tardaste en fazer les bien. despues que esto dixo la bendita magdalena fuese

A bendita Madalena pregava ali sobre Jesus Cristo, como nascera da Virgem, como os judeus o sacrificaram, como fora morto e sepultado, e como ressuscitara ao terceiro dia. Por isto, ela os exortava que não fizessem sacrifício aos ídolos, que cressem e adorassem aquele que fizera e formara todo o mundo. Todos aqueles que ouviam a sua palavra seguiam-na de bom grado, e de bom coração a escutavam, tanto por sua beleza quanto pelo sabor de ouvir sua palavra. E não deveis maravilhar-vos que a boca de Madalena bem e prudentemente falasse, pois ela havia beijado os pés de Jesus Cristo.

Então a mulher daquele homem rico mandou alguns de seus servidores, aqueles que lhe eram leais, dar comida àqueles homens, pois temia muito a crueldade de seu marido e a deslealdade dos que viviam com ele. Certa noite, quando a mulher dormia com seu marido, Santa Madalena lhe apareceu em sonhos e perguntou-lhe que já que ela era tão rica, porque deixava morrer de fome e sede os santos homens. Ameaçou-a, caso não contasse isso logo a seu marido, de fazer-lhes algo. A mulher acordou mas não ousou contar a seu marido sua visão. Na noite seguinte, Madalena veio a ela como antes, mas a mulher não ousou contar o ocorrido. Do mesmo modo, na terceira noite, a bendita Madalena apareceu muito furiosa e muito temível a ambos. Seu rosto assemelhava-se ao fogo, e era como se a casa ardesse. Ela lhes disse: “Homem de grande crueldade! Tu e tua mulher, com quem estive tanto, mas que não te contou o que eu mandei. Tu te gabas que és inimigo da cruz de Jesus Cristo. Tu cuidas de teu corpo com muitos tipos de comidas e bebidas diversas e deixas morrer, de fome, sede e de outras coisas, os servos de Deus. Tu deitas em teu palácio, envolto em tecidos de seda, enquanto eles jazem na pobreza e na miséria. Tu vês que eles não têm conforto, e tu não os conforta. Tu vês que eles não têm abrigo e tu não lhes dá. Tu passas por eles e tu não os vê. Ai, desleal, tu não escaparás assim! Antes cumprirás o que tanto tardaste em fazer, fazer-lhes o bem.” Depois que a bendita Madalena disse isso, ela se foi.

& la buena dueña desperto & comenco luego a ssospirar & ssu marido le pregunto por que ssospiraua & ella dixo Señor vistes lo que yo vy ssy dixo el vi lo & marauillo me mucho mas que fa?? de & ella dixo yo lo querria & ternja por mejor de fazer lo quela bendita magdalena nos pedrica & dize Ca aueremos la ssaña de dios ca ssin Razon non nos dixiera aquella & fagamos les bien & digamos ala magdalena que Ruegue al su dios que yo pueda concebir & el señor sse otorgo en consejo de su mugier & mando que diesen a la santa conpañã posada & lo que les fuese menester & asy fue fecho despues desto acabo de poco Aueno quel señor yogo con su mugier & ella concebio & muchos ouieron ende grant plazer

Como se fue la mugier del cauallero con el
Luego que esto aueno guisose el señor de yr a saber si era Verdat delo que la magdalena pedricaua de ihesu xpisto Quando lo su mugier sopo dixole sseñor que es esto cuydades uos yr alla ssin mj ssy a dios plaze esto non auerna ssy uos fuerdes yre yo ssy vos venierdes verne yo ssy uos folgardes. folgare yo non sera assi dixo el señor Mas uos fincaredes en casa & enderecaredes vuestras cosas que si me yo fuere non finquen mal enderecadas demas las carreras sson luengas & malas de andar & la mar es de grant peligro & vos ssodes flaca & preñada & podriades muy ayna caer en grant peligro & la dueña contra aquello non dixo cosa pero non mudo lo que en el corascon tenja Antes sse dexo caer a pies de ssu marido; & lloro tanto fasta que su señor le otorgo su yda desi fueronse ala

A boa mulher despertou e começou logo a suspirar. Seu marido lhe perguntou porque ela suspirava e ela respondeu: “Senhor, viste o que eu vi?”; “Sim, disse ele, vi e me maravilhei, muito mais que ?????” E ela disse: “Eu queria, e acharia melhor fazer o que a bendita Madalena nos exorta e diz para não atrairmos a ira de Deus, porque, sem razão, ela não nos diria aquilo. Façamo-lhes o bem e digamos a Madalena que rogue ao seu deus para que eu possa conceber.”

O senhor acatou o conselho de sua mulher e mandou que dessem pousada e o que fosse necessário à santa comitiva. E assim foi feito. E pouco depois disso, tendo o senhor dormido⁵ com sua mulher, ela concebeu. E muitos tiveram nisso grande prazer.

COMO A MULHER DO CAVALEIRO SE FOI COM ELE

Logo que isto se deu, o senhor foi saber se era verdade aquilo que Madalena pregava sobre Jesus Cristo. Quando sua mulher soube, disse-lhe: “Senhor, que é isto de cuidar-vos de ir sem mim, se a Deus isto não agrada? Se vós fordes, irei eu. Se vós virdes, virei eu. Se vos alegrardes, alegrar-me-ei.”⁶ “Não será assim”, disse o senhor, “mas vós ficareis em casa e governareis vossas coisas, porque se eu for elas não poderão ficar mal dirigidas. Além disso, os caminhos são longos e difíceis de andar, o mar é de grande perigo, vós sois fraca e estais grávida e podereis, muito facilmente, cair em grande perigo.”

magdalena & metieron en su guarda sus tierras & sus heredades
& ella les puso la Señal dela cruz en las ssus

[fol. 2r]

espaldas que el diablo non los pudiese estoruar de ssu
proponimiento & enseñoles que por sant pedro principe de los
apostolos podrian saber de ihesu xristo lo que les ella ante dixiera

Como pario la dueña

Despues que ellos fueron cruzados & aprendieron que de sant
pedro podrian saber aquello tomaron mucho oro & mucha plata
& muy Ricos paños de muchas guisas & entraron en vna naue &
andaron vn dia & vna noche por la mar a buen belar & el biento
comenco a crescer & la mar a engrosar & a poca de ora fue la
tenpestad muy grande & todos aquellos que en la naue andauan
ouieron grant pauor. quando vieron las ondas quebrar & ouieron
muy grant cuyta & la dueña que era preñada & muy cansada &
que comenco que queria auer ssu fijo fue en muy grande coyta &
el parto fue tan fuerte que morio ende. & el njño que nasciera
buscaua la teta & en baladrando & en llorando en grant dolor fue
el njño nado & la madre muerta. oujera el njño de morir por que
non auia quien lo criar Ay dios que fara nuestro Romero que ya
su mugier es muerta & el njño

demandar teta en llorando & la tenpestad era tan mõe grande &
los marjneros dar bozes & dezir echat fuera dela nao este uerpo ca
demjentre y andar non quedara la tenpestad & sabed que esto es
verdat & cosa bien prouada que la mar non quier ensy cosa muerta
& quando los seruientes dela nao quesieron tomar el cuerpo por
lo echar en la mar el romero les dixo amigos por dios sofrid uos
vn poco. & sy uos non queredes sofrir por mj njn por la dueña
que avn esta caliente sofrid uos por el njño que demanda la teta &
esto non es synon de crueza lançar en la mar vn cuerpo medio
muerto & nunca fue ome que tan pequeño cuerpo quesiese matar
sofrid uos vn poco & veremos si la dueña acordara del trabajo que
ouo en el parto

A senhora não disse nada contra aquilo, mas não mudou o que levava no coração. Antes deixou-se cair aos pés de seu marido, e chorou tanto até que seu senhor autorizou a sua ida. Assim, foram até Madalena e colocaram sob sua guarda suas terras e propriedades. Ela lhes colocou o sinal da cruz nas costas para que o diabo não os desviasse do seu propósito, instruindo-lhes que por São Pedro, príncipe dos apóstolos,⁷ poderiam saber sobre Jesus Cristo o que ela antes lhes dissera.

COMO A SENHORA DEU À LUZ

Depois que eles tomaram a cruz e entenderam que de São Pedro poderiam saber aquilo que desejavam, pegaram muito ouro, muita prata, ricas roupas de variados tipos e entraram em um navio. Viajaram um dia e uma noite pelo mar em boas condições até que o vento começou a soprar mais forte e o mar a se agitar. Em pouco tempo formou-se uma grande tempestade e todos aqueles que estavam no navio tiveram grande pavor ao ver quebrar as ondas, ficando muito aflitos.

A senhora, que estava grávida e muito cansada, entrou em trabalho de parto em meio a muitas dores. O parto foi tão difícil que, por fim, ela morreu. A criança recém-nascida procurava o seio. Gritando e chorando em grande dor, foi a criança nascida e a mãe morta. A criança deveria ter morrido, pois não havia quem a criasse. Ai, Deus! Que fará nosso romeiro, agora que sua mulher está morta e a criança chora pelo seio? A tempestade era tão grande que os marinheiros davam vozes para dizer: “Jogai fora do navio esse corpo, pois desta forma não cessará a tempestade. Sabei que isto é verdade e coisa bem provada: que o mar não quer em si coisa morta”. Quando os tripulantes quiseram tomar o corpo para jogá-lo ao mar, o romeiro lhes disse: “Amigos, por Deus, esperai um pouco. E se vós não tendes compaixão por mim nem pela senhora que ainda está quente, sofri pela criança que busca o seio. Isto não é outra coisa senão crueldade, lançar ao mar um corpo meio morto. Nunca houve homem que quisesse matar corpo tão pequeno. Esperai um pouco e veremos se a senhora acordará do trabalho que teve no parto.”

como mamaua el njño seyendo su madre muerta
Despues que el esto ouo dicho cato & ujo la naue yr por cerca de
vna montaña & penso que dexase alli ala madre & al njño antes
que los comiesen peces & dixo a los marjneros tomad de mj auer
quanto uos quiesierdes. poned me la dueña & el njño en aquella
montaña por quelos pueda soterrar. Quando los marjneros oyeron
la promesa del auer que deseauan asy como el pece desea la yisca
otorgarongelo & fizieron su voluntad & el quiso soterrar la dueña
&

fallo el suelo tan duro & tan pedregoso quela non pudo soterrar &
fuela poner en vn logar apartado dela sierra & puso alli el njño alas
tetas Ay santa maria madalena dixo el, & por que veniste tu nunca
al puerto de marsella. por mi destroimiento
[fol. 2v]

& por mi desterramiento veniste tu y & yo catiuo por que te crey
de comencar esto. Rogaste tu por esto tu dios que my mugier
concebiese por se perder lo que traxiese ora son perdidos anbos. el
concebido & la que concebio. ca la madre es muerta con las coytas
& con los dolores que sufrio & el niño nascio por morir que non
ha quien lo crie & esto es lo que yo gane por tu Ruego a que
encomende todas mjs cosas. Yo te demando & rruego que Ruegues
a tu dios que sy el es tan poderoso como tu pedricas que aya
mercet dela alma desta dueña & que por tu Ruego aya piadat de
aqueste njño que se non pierda despues que esto dixo cobrio la
dueña & el njño de su manto & tornose a la naue enel batel.
despues que entro enla naue los marineros tornaron a guyar su
naue

COMO MAMAVA A CRIANÇA ESTANDO SUA MÃE MORTA

Depois que ele disse isso, olhou e viu o navio se aproximar de uma montanha e pensou em deixar ali a mãe e a criança antes que os peixes os comessem. Disse aos marinheiros: “Tomai de minhas posses quanto vós quiserdes. Coloquei a senhora e a criança naquela montanha para que eu os possa enterrar.” Quando os marinheiros ouviram a promessa dos bens que desejavam tanto como o peixe desejava a isca, concordaram com ele e fizeram sua vontade.

Ele quis enterrar a senhora, mas achou o solo tão duro e tão pedregoso que não pôde enterrá-la. Colocou-a num lugar afastado da serra e pôs a criança entre seus seios. “Ai, Santa Maria Madalena, porque vieste tu ao porto de Marselha! Para a minha destruição, meu desterro e meu destino vieste tu. E eu, cativo porque te cri, dei início a isso. Por isto rogaste tu a teu deus? Que minha mulher concebesse, para se perder o que carregava? Agora estão ambos perdidos: o concebido e a que concebeu, porque a mãe morreu em aflição e com as dores que sofreu e a criança nasceu para morrer, porque não há quem a cuide. E é isso o que eu ganhei por teu rogo? A quem encomendei todas as minhas coisas? Eu te peço e rogo que clames a teu deus, se ele é tão poderoso como tu pregas, que tenha piedade da alma desta senhora. E que por teu rogo tenha piedade daquela criança para que não se perca.”

Depois que disse isso, cobriu a senhora e a criança com seu manto e voltou ao navio em um barco. Depois que entrou no navio voltaram a navegar.

Ay que misericordia de ihesu xpisto Ay que merescimiento dela madalena. Ay que bendita partera ella escogio que fue pedricar en tierra & le dio conforte & ayuda al Romero que por su conforte non se desesperase & ella lo conforto que non fallestiese por su llorar. &lla estudo al parto dela madre &lla fizo el oficio dela maestra &lla conforto la dueña en sus dolores &lla conforto el njño que lloraua & ella fizo el oficio de ama &lla le dio la leche. quien oyo nunca estas cosas &lla enseñaua & pedricaua en tierra & la consejaua en mar era maestra. &lla era ama &lla confortaua el Romero que non dexase lo que comencara &lla criaua &l njño que lloraua por lo confortar & lo quitar de llorar &l cuerpo dela madre yaz syn alma & da leche al njño & otra cosa que es maraujlla la alma dela dueña fue en Romeria por conplir lo quel cuerpo auja comencado & ninguno non la veyá mas ella veyá a todos. & el cuerpo della jazia asy como vn vaso vazio & de aquel vaso vazio tomaua el njño leche. & el vaso era señalado del señal dela cruz santa & jazia tan seguro que njn viento njn elada njn enbierno njn calentura non le enpescia. njn fanbre njn sed non auja njn podrescio njn se perdio & sabet que asi son guardadas las cosas que sson encomendadas a santa maria magdalena.

como el romero fallo el njño trebejando rribera dela mar
Ora tornaremos a nuestro rromero & non ayades enojo de oyr el conforte que le ella dio de su desconforte & que fizo por su ruego & como su tristeza fue tornada en alegria la naue ouo buen viento & llego cedo al puerto que deseaua & salieron fuera & despues a poca sazon topo con sant pedro & quando el vendito apostol vio el romero cruzado & preguntole por cuyo mandado prendiera la cruz & por que venjera ally & sant pedro entendio muy bien que donde el venjera que pedricaria alla la palabra de ihesu

Ai, que misericórdia de Jesus Cristo! Ai, que merecimento de Madalena! Ai, que bendita parteira ela escolheu, que foi pregar na terra. Ela deu conforto e ajuda ao romeiro, que por causa de seu consolo não se desesperou. Ela o confortou para que não falcesse e tanto chorar. Ela esteve no parto da mãe, ela fez o ofício de mestre.

Ela confortou a senhora em suas dores. Ela confortou a criança que chorava. Ela desempenhou o papel de ama. Ela lhe deu o leite. Quem já ouviu falar dessas coisas? Ela ensinava, pregava e aconselhava no mar. Ela era mestre. Ela era ama. Ela confortava o romeiro para que não deixasse o que começara. Ela cuidava da criança que chorava, para a confortar e cessar seu choro.

O corpo da mãe jaze sem a alma e dá leite à criança. E outra coisa que é maravilhosa: a alma da senhora foi em romaria para cumprir o que o corpo havia começado. Ninguém a via, mas ela via a todos. O corpo dela jazia como um recipiente vazio. E daquele recipiente vazio a criança tomava o leite. O recipiente era marcado com o sinal da santa cruz e jazia tão seguro que nem vento, nem geada, nem inverno, nem calor o atingia. Nem fome, nem sede sentia. Não apodreceu nem se perdeu. Sabei que assim são guardadas as coisas que são encomendadas a Maria Madalena.

COMO O ROMEIRO ACHOU A CRIANÇA TRABALHANDO NA BEIRA DO MAR

Voltemos ao nosso romeiro. Não se negue a ouvir sobre o conforto que ela lhe deu em seu desconforto, o que fez por seu rogo e como a sua tristeza foi transformada em alegria. O navio encontrou bom vento e logo chegou ao ponto que desejava. E desembarcaram. Pouco tempo depois, o romeiro se deparou com São Pedro. Quando

Rxpisto & el Romero le conto todas las cosas quel auenieran en tierra & en mar & por cuyo mandado tomara la cruz & la Razon por que ally veniera Quando ssant pedro esto.

o bendito apóstolo viu o romeiro com a cruz, perguntou-lhe a mando de quem a tomara e porque viera ali. São Pedro entendeu muito bem que de onde ele viera, ali havia sido anunciada a palavra de Jesus Cristo. O romeiro lhe contou todas as coisas que ocorreram em terra e no mar, a mando de quem tomara a cruz e a razão porque viera até ali. Quando São Pedro isto ???

Notas da Tradução

¹ O texto foi reconstruído a partir da versão da *Vida de Maria Madalena* presente na obra *Legenda Dourada* de Tiago de Vorágine. Porém, esse autor identifica São Maximino como aquele a quem Maria foi encomendada. Outras versões desta vida denominam este guia espiritual como São Maximiniano. É esta variante que adotamos em nossa tradução, pois é a que figura no manuscrito que tomamos como base, ainda que esteja corrompido exatamente neste nome.

² A lacuna na transcrição do texto poderia corresponder ao nome do cego, Cedônio, assim como consta na *Legenda Dourada*. A tradição da presença

de um cego junto a Maria Madalena e seus irmãos pode ter se constituído a partir do relato da ressurreição de Lázaro (Jo 11, 1-44), no qual é feita uma referência a um cego que fora anteriormente curado por Cristo (Jo 9). Nos versículos 36 e 37 do capítulo 11, o evangelista registra o comentário dos judeus: “Então, disseram os judeus: Vede quanto o amava. Mas alguns objetaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse”.

³ Lc 11,27. O texto do Evangelho não identifica a mulher que proferiu esta frase. Porém, tendo em vista a proximidade desta passagem de uma outra, na qual Marta e Maria são nomeadas (Lc 10,38;42), sua inclusão nesta obra pode assim ser justificada. Segundo Lilia Sebastiani, esta mulher foi identificada como Martila (em alguns textos Marcela ou Maximila), empregada de Marta. Na *Legenda Dourada* ela compõe a comitiva de Madalena. SEBASTIANI, L. *Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 110, n. 8.

⁴ No castelhano medieval, entre os séculos XIII ao XV, o verbo *yogar* possuía diversos significados: folgar-se, gozar, alegrar-se, burlar, estar detido ou permanecer em um determinado lugar e, particularmente, ter prazer sexual. Optamos por traduzi-lo, nesta frase, pelo verbo alegrar, porque acreditamos que este termo melhor exprime o sentimento de exultação religiosa. MARTIN ALONSO. *Diccionario Medieval Español*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1986. 2 v. V. 2 p.1632.

⁵ Ver nota anterior.

⁶ A fala da mulher do cavaleiro possui claros paralelos com Rt. 1, 16- 17.

⁷ A presença de São Pedro neste relato, identificado como príncipe dos apóstolos e detentor das verdades sobre Cristo, pode ser vista como uma referência à Igreja Romana, cujo chefe era considerado um sucessor direto de Pedro, que se apresentava como a portadora de todos os mistérios de Cristo. Há que ressaltar que no século XIV a Igreja Romana foi abalada por diversas crises, tais como a permanência da cúria em Avignon, o desenvolvimento das teses e o crescimento das facções conciliaristas e a eleição de anti-papas. Sobre a Igreja Romana e o papado no período ver DUFFY, E. *Acima das Nações: 1000-1447*. In: _____. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. p. 87-132.

Responsáveis Pelo Número:

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva - Mestre em História Antiga e Medieval (UFRJ), Doutora em História Social (UFRJ), Professora do Departamento de História da UFRJ, Pesquisadora do CNPq.

Carolina Coelho Fortes - Bacharel em História (UFRJ), Mestranda em História Social (Programa de Pós-graduação em História Social - UFRJ).

Fabírcia Angélica Teixeira de Carvalho - Bacharel e Licenciada em História (UFRJ), Mestranda em História Comparada (Programa de Pós-graduação em História Comparada - UFRJ).

Maria Cristina Correia Leandro Pereira - Mestre em História Antiga e Medieval (UFRJ), Doutora em História Medieval (EHESS), Professora do Departamento de Fundamentos e Técnicas Artísticas da UFES.

Shirlei Cristiane Araújo Freitas - Graduada e Licencianda em Letras (UFRJ), Bolsista do PROFAG (UFRJ).

O Programa de Estudos Medievais (Pem), concebido em 1991, tem caráter interdisciplinar e desenvolve atualmente várias atividades. Conheça algumas destas iniciativas:

PORTAL NA INTERNET

No endereço <http://www.pem.ifcs.ufrj.br> estão disponibilizadas as principais informações relacionadas ao Programa de Estudos Medievais. Aqui estão registrados dados acerca da trajetória do Pem desde sua criação, sobre seus pesquisadores, colaboradores e projetos concluídos e em curso, assim como a respeito dos eventos organizados nos últimos anos.

LISTA DE DISCUSSÃO

A lista tem como principal objetivo a reunião de estudiosos de diversas áreas do conhecimento para um grande diálogo, no qual é possível a troca de experiências, debates e a divulgação de questões variadas concernentes à medievalística. Para inscrever-se, basta mandar uma mensagem para o e-mail: pem-subscribe@yahoogrupos.com.br.

PROMOÇÃO DE EVENTOS

Periodicamente, o Pem patrocina atividades levando à comunidade e ao público em geral notícias sobre a Idade Média, tais como conferências, cursos de extensão, e encontros de caráter científico, como as semanas de Estudos Medievais.

PUBLICAÇÕES

Semana de Estudos Medievais, 3, 1995, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: UFRJ/ Sub-Reitoria de Desenvolvimento e Extensão / SR5, 1995.

Fontes Medievais: Anotações para um Estudo Crítico. Rio de Janeiro: UFRJ/ Sub-Reitoria de Ensino e Graduação e Corpo Discente/SR1, 1996. (Cadernos Didáticos UFRJ, 21).

Semana de Estudos Medievais, 4, 2001, Rio de Janeiro. *Atas ...* Rio de Janeiro: Pem, 2001.